

The Little Manufactory

Era uma vez duas meninas que inventaram uma fabriquinha e nela trabalharam com afinco... Dá vontade de começar como começam os contos para crianças. Mas a Fabriquinha não é uma brincadeira infantil, e Juliana e Érika sabem disso muito bem. Na Fabriquinha empresa fictícia e verdadeira, as duas fabricam e pretendem vender um desusado repertório de pequenas esculturas, bonecas, móveis, desenhos, roupas, acessórios, livros, cds e todo tipo de artefatos coloridos: chaveiros, anéis, broches e roupas-embalagens para nos embalar e nos tornar, também, produtos mais atraentes.

Como não falar de The Shop, A lojinha aberta em 1993 por Sarah Lucas e Tracy Emin, instalada no antigo consultório de um dentista em Bethnal Green, Londres? Lá, as duas inglesinhas faziam e vendiam curiosos objetos, entre os quais se incluíam cinzeiros, de £ 10 com uma fotocópia do rosto de Damien Hirst no fundo. The Shop, fechada antes de o novo século começar, é hoje uma das lendas que impulsionaram a afirmação internacional da Young British Art.

É evidente que Juliana e Érika não são Emin & Lucas e que Belo Horizonte não se parece nem um pouco com Londres; e é ainda mais evidente que nem elas, nem ninguém da cidade, sabiam da existência de The Shop, ao fundar a Fabriquinha. (The Shop e as moça inglesas muito feministas e muito sofridas aparecem neste texto para contextualizar tendências e assim estender uma ponte para certo tipo de pensamento colonizado que ainda insiste em influências e novidades)

Juliana e Érika muito mineiras e muito alegriinhas, ao contrário de Emin & Lucas, renunciam a autoria individual e questionam, com humor irônico, os valores da arte no consumível e consumido mundo contemporâneo.

Uma fauna e uma flora multicoloridas proliferam sobre a superfície dos objetos. A intensidade das cores, e a "planaridade" da pintura (que pode acontecer sobre telas, sobre pufes ou sobre todo tipo de utensílios comuns e incomuns) são uma das características mais marcantes de um trabalho que constrói seu arquivo de imagens explorando as figuras das histórias em

quadrinhos, dos desenhos animados, dos produtos para crianças e dos personagens infantis da televisão. Mas essa apropriação é só aparentemente inocente, pois os signos estão sempre em estado de subversão.

Sob o signo de uma profunda nostalgia da infância, artistas propõem uma visão cultural diferente, recriando irônica e criticamente os clichês do imaginário popular urbano de classe média em que foram educadas.

Um de seus projetos mais interessantes é o das Fabriquetas. Ao tomar emprestada a idéia da moedinha número um do tio Patinhas e decidir criar sua própria moeda, elas investigam e pretendem desvelar o alor dos objetos na sociedade capitalista.

Depois de confeccionar as 50 peças (Fabriquetas) de epoxi pintado, Érika e Juliana saíram às compras. A troca de cada fabriqueta foi cuidadosamente narrada e documentada. O valor de troca de cada moeda foi testado efetivamente em galerias de arte, ônibus, lanchonetes, lojas de variedades, Mc Donalds...

A aceitação ou recusa desse dinheiro inventado permitiu conferir os valores do trabalho e da arte na sociedade contemporânea, pois as Fabriquetas demonstraram ter, em várias situações valor de troca, valor de uso e até valor de culto. Com elas, as artistas compraram lanches, catálogos e revistas, cortaram seus cabelos, gravaram cds, deram esmola e conseguiram transporte de objetos. Mas em outras situações, perceberam com pesar que suas lindas moedinhas não serviam para nada.

Para nada? Não acredito nisso, pois de alguma maneira, a tristíssima menina do Mc Donald's, o irônico vendedor de frutas, o descrente cobrador do ônibus, e até o padre, ao conferir as esmolas da igreja, tiveram seu cotidiano alterado pela insólita proposta.

Se, como quer Duchamp, arte é um jogo entre todos os homens de todas as épocas, continuemos jogando com Juliana e Érika essa partida interminável.

Maria Angélica Melendi.